

Amílcar Torrão Filho e Maria Fernanda Derntl

Angélica Alvim

Carlos Dias Coelho

Conceição Trigueiros e Ricardo Guerreiro

Elisabete Reis e Eduardo Mendes de Vasconcellos

Eunice Helena S. Abascal

José Pessoa e Guilherme Meirelles Mesquita de Mattos

Luiz Manoel Gazzaneo

Manuel da Costa Lobo e António Ricardo da Costa

Margareth Figueredo, Humberto Varum e Aníbal Costa

Mauro Santoro Campello

Mauro Santos

Natália Padilha Sánchez e Angélica A. T. Benatti Alvim

Paulo de Assunção

Regina Esteves Lustoza

Sérgio Padrão Fernandes

Sérgio Proença

Silvia Garcia Tavares, Érica Emi Takahashi
e Rayron Cirqueira Castro

Soad Farias da Franca, Marta Adriana Bustos Romero
e Rômulo José da Costa Ribeiro

Teresa Fonseca

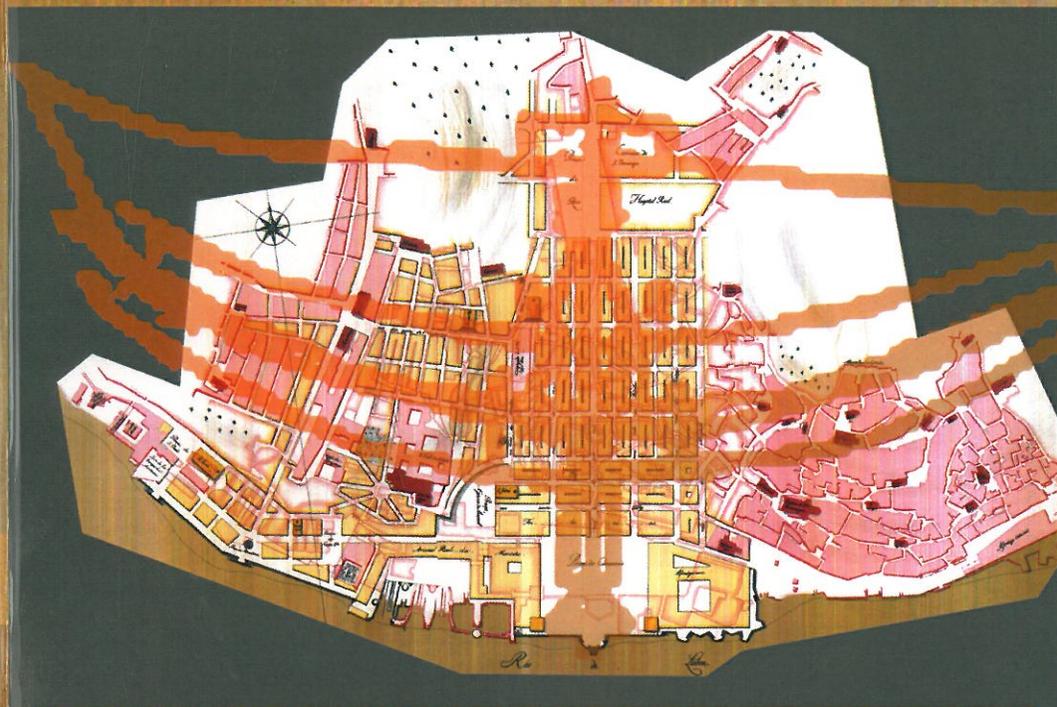
Thereza Christina Carvalho Santoso

Da Baixa Pombalina a Brasília

Cidades e
Espacialidade

Coleção
PROARQ

DA BAIXA POMBALINA iluminismo e contemporaneidade em países e espaços de língua portuguesa A BRASÍLIA



Luiz Manoel Gazzaneo
organizador

Cidades e Espacialidade



ACADEMIA DE ESCOLAS DE ARQUITECTURA
E URBANISMO DE LÍNGUA PORTUGUESA



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor Aloísio Teixeira
Vice-reitora Sylvia da Silveira de Mello Vargas
Pró-reitores Angela Uller

Belkis Valdman
Carlos Antonio Levi da Conceição
Laura Tavares Ribeiro Soares
Luiz Afonso Henriques Mariz

Pós-graduação e
Pesquisa
Graduação
Planejamento
Extensão
Pessoal

Centro de Letras e Artes

Decana Flora de Paoli Faria

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Diretora Denise Barcellos Pinheiro Machado
Vice-diretora Maria Júlia Santos de Oliveira

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ

Coordenadora Vera Regina Tângari
Vice-coordenador Paulo A. Rheingantz
Adjuntos Rosina Trevisan Ribeiro
Cristiane Rose Duarte

Guilherme Lassance
Mônica S. Salgado
Cristiane Rose Duarte
Coordenadora

Conselho Editorial

Guilherme Lassance, Mônica S. Salgado, Paulo A. Rheingantz
Rosina Trevisan Ribeiro, Vera Regina Tângari

Diagramação

André L. V. Santos, Carolina L.S. Almeida, Débora P. Zukeran,
Felipe Jourdan, Mayara M. Correa, Pedro Rios, Victor Morsch

Capa Hilton Esteves de Berredo

© Copyright dos autores

Da Baixa Pombalina a Brasília: cidades e espacialidade/ Luiz
D111c Manoel Gazzaneo, organizador. – Rio de Janeiro:
UFRJ/FAU/PROARQ, 2010.
416p.: il., 21cm. (Coleção PROARQ)
ISBN: 978-85-88341-27-2

1. História – Brasil. 2. Espaço (arquitetura). 3.
Cidadania. 4. Ordenamento territorial. I. Gazzaneo, Luiz
Manoel. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura.

CDD 981

Da Baixa Pombalina a Brasília

Cidades e espacialidade

Luiz Manoel Gazzaneo
organizador

Coleção PROARQ
UFRJ - FAU
Rio de Janeiro
2010

O Espaço Público como categoria arquitectónica, o iluminismo de hoje

Teresa Fonseca¹

Resumo

Este trabalho pretende dar a conhecer uma experiência de ensino teórico-prático, desenvolvida na FAUP sobre Espaço Público. Através da investigação de casos reais, visa-se, além de habilitar o futuro arquitecto com métodos de análise crítica, a sua definição como categoria arquitectónica específica, morfológicamente associada às formas de residência e às formas dos equipamentos, exigente, como estas de um projecto próprio. Transmite-se e actualiza-se o conhecimento sobre a organização física do Espaço Público incluído no conceito unitário das Formas das Instituições Humanas. Procedem-se ao levantamento e documentação sistemática de casos reais como exercício de averiguação metódica de princípios universais da Forma Arquitectónica (Limites, Implantações, Distribuição, Proporção, Resistência) e da coerência do seu planeamento circunstancial (Coerência figurativa, compositiva, funcional, gestonária). Na Geografia, na Geometria e nos sistemas de Construção das Formas do Espaço Público se descobre uma escrita indelével da História, fruto de repetição e excepção, de informalidades e de luminosos traçados urbanísticos, mas, sobretudo, de incontáveis operações discretas da adaptação daquelas a estes.

Palavras-chave: Espaço Público, Arquitectura, Urbanismo.

¹ Arquitecta pela Escola Superior de Belas Artes do Porto (1980) Doutora em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1997) teve como orientador o Doutor Arquitecto Álvaro Siza Vieira (1990-1996). É professora associada da FAUP. FAUP e CEAU, Universidade do Porto

E-mail: tfonseca@arq.up.pt, trefonseca@gmail.com

Abstract

This work gives notice of the teaching experience in the realm of Public Space, developed in FAUP (since 2002 under the responsibility of the author). Research on real case studies, is addressed beyond habilitating the future architect with methods and critical analysis of Public Space, furthermore to its definition as a specific architectonic category, like dwelling or public facilities Forms are already recognized. As such it is our proposal that it requires a project of its own, that must respond to the universal principles of Architecture (limits, site layout, function, proportion, and building resilience) together as consistency in terms of circumstantial planning (figurative, volumetric, functional, and economic). Geography, Geometry and Building of Public Space Forms represent a non erasable writing of History, as a product of repetition and exception, informalities and enlightened urban design, yet and overall, of uncountable discrete operations of adjustment of the latter (enlightened) to the informal.

Keywords: Public Space, Architecture. Urban Design

Apresentação

Este trabalho pretende contribuir para o restabelecimento do lugar do Espaço Público no domínio da Arquitectura, enquanto objecto concreto de organização de espaço, cujo significado depende das qualidades intrínsecas da sua forma. Palco e Cenário da Concórdia Social¹, aqui são tomados à letra, não como conceitos abstractos ou metafóricos, mas como chãos e paredes com propriedades estritamente físicas, cuja génese temporal pode perder-se em longos períodos da construção da cidade ou ser localizada com exactidão por datas e autoria de projectos urbanos mas, sempre, fruto dos inexoráveis diferenciais entre desenho e construção, entre traçados ou projectos e suas vicissitudes pelos meandros dos processos administrativos ou gestonários. A construção do Espaço

Público parece ser, de todas as categorias arquitectónicas, a mais afectada pela difusa figura do dono da obraⁱⁱ.

I. Actualização de práticas, princípios, conceitos

A problemática do espaço público tem vindo a ser apropriada, quando não reivindicada como conceito abstracto e amplo, por múltiplas áreas disciplinares, mormente pelas ciências sociais e da comunicação.

Ao invés, o objecto desta disciplina da FAUP, é a conjugação das Formas do Espaço Público com Formas de Residência e Formas dos Equipamentos Colectivos.

Não é o uso que deles se faz, nem os sentimentos individuais e colectivos que eles despertam ou que lhes deram origem, nem tão pouco as subjectividades dos seus construtores desde o arquitecto ao operário. O espaço não têm emoções nem sentimentos, são entidades positivas, materiais, organizadas em formas que apenas se regem pelas propriedades físicas e medidas dos seus elementos – por isso, o espaço estuda-se e define-se infalivelmente por geometria, aritmética e legendas de materiais.

Naturalmente, analisando as formas, buscamos os valores das sociedades que as criaram. Acreditamos que a arquitectura é uma expressão, entre outras, específica e única como são as diversas modalidades artísticas cuja diferenciação radica nos meios respectivos, da história da humanidade.

O significado das cidades do ponto de vista arquitectónico não representa um facto exclusivamente estético ou estritamente funcional, embora tenha como ponto de partida fenómenos relacionados com a necessidade. Quando a necessidade é satisfeita surge, juntando-se a este processo, o confronto, a diversidade, a ambição, o desejo de beleza e, inclusivamente, para além destes elementos, a acumulação torna-se possibilidade do supérfluo, do simbolismo arquitectónico.ⁱⁱⁱ

A arquitectura da cidade necessita mais de reflexão do que de doutrina. As relações urbanas e as diferentes modalidades de uso têm vindo a resultar, por parte dos arquitectos, em teorias superficiais e contraditórias de um obscurantismo snob cada vez mais críptico, ao mesmo tempo que uma prática arquitectónica destinada a proteger as forças económicas que formalizam o espaço acumula cenários urbanos medíocres na nossa realidade mais próxima.^{iv}

II. Casos de Estudo

Antigos princípios da arquitectura são permanentemente actualizados através de formas significantes que se nos oferecem como objectos de estudo. Não se pode criticar sem conhecer, nem se podem emitir opiniões sem fundamento, ou seja, para a crítica e a opinião é preciso demonstração da validade dos argumentos através de documentos ou provas. Em ciência moderna são inaceitáveis trabalhos sem investigação empírica, mesmo os de mais especulativos exigem a identificação de pontos de apoio em factos reais.

A aplicação do aforismo de Alba *mais reflexão do que doutrina* tem presidido a uma estratégica e anual revisão *do que seja a análise urbana para os arquitectos*^v ilustrada com exemplos de Le Corbusier a Távora e Alvaro Siza. O levantamento e documentação sistemática de casos reais, nacionais ou estrangeiros tem sido proposto como exercício de averiguação metódica de princípios universais da Arquitectura e das suas razões circunstanciais.

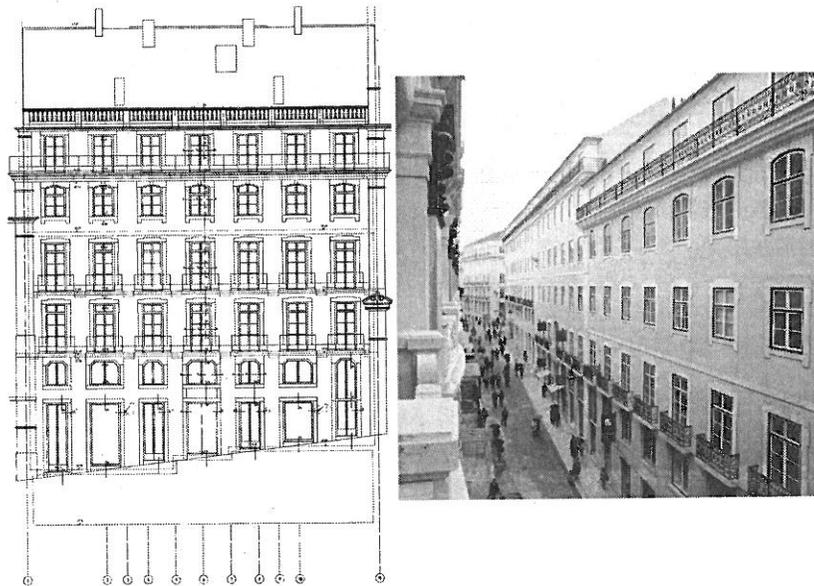


Fig. 1, (esquerda) Alvaro Siza, Edifício Castro & Melo, Alçado Rua Nova do Almada, em Álvaro Siza, *A reconstrução do Chiado*, Lisboa, ICEP 1997, p.136

Fig. 2 (direita) Rua do Carmo, Fevreiro 96, em idem, *ibidem*, p. 128

Ou seja, para o desenvolvimento crítico de arquitectura, a investigação experimental e a recolha de dados entendeu-se indispensável ou condição essencial à formulação da teoria.

No dia 1º de novembro de 1755, Lisboa foi surpreendida por um grande terremoto seguido de incêndio e maremoto. A cidade de Lisboa foi destruída, cerca de dez mil casas ruíram. O Marquês de Pombal empreendeu a reconstrução de Lisboa, aplainando morros e abrindo novas ruas, espaço hoje conhecido pela denominação de Baixa Pombalina.^{vi}

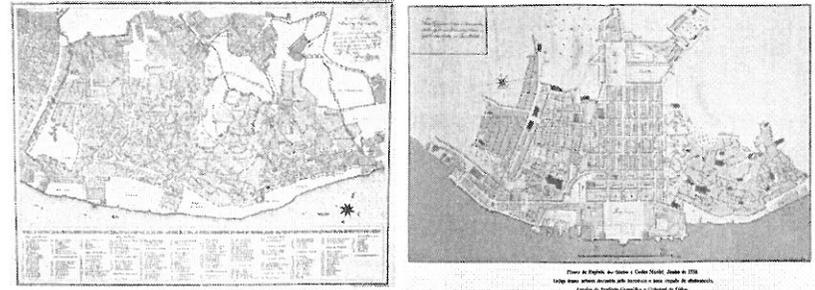


Fig. 3 (esquerda) Planta de Lisboa 1650, Nunes Tinoco, em Catálogo de exposição, *O Chiado Lisboa. Alvaro Siza e a Estratégia da Memória...* p.22
Fig. 4. (direita) Planta de Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, 1758, em idem, p. 25

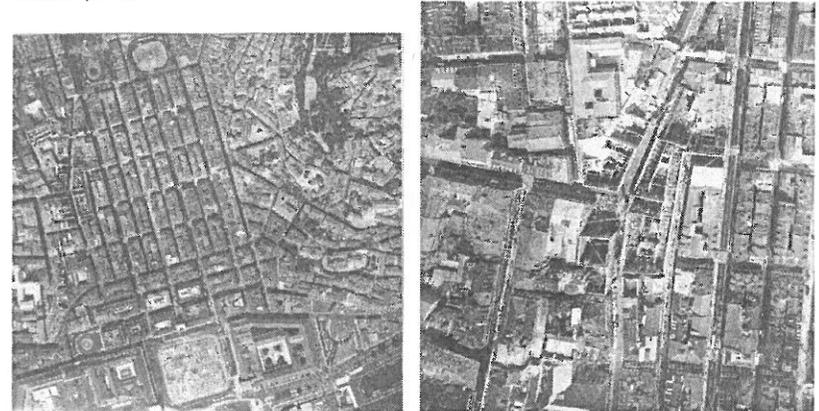


Fig.s 5 e 6, Vistas aéreas da Zona Sinistrada, pp 65 e 6 em Catálogo cit.

Sofremos um choque cultural de primeira ordem quando...na manhã de uma soalheira quinta feira, nos chegaram notícias sobre o grande incêndio que tinha deflagrado no centro de Lisboa. Quem alguma vez tenha visitado a cidade ou nela tenha trabalhado foi certamente tocado pela sua "secreta harmonia"...O seu rico passado histórico impõe-se-nos de forma tangível em cada rua e em cada fachada...O Plano de Siza provou ser uma excelente estratégia. ... Destacando os correctos ingredientes do passado e misturando-os com programas actuais, este projecto de renovação serve agora de exemplo de uma intervenção urbana bem sucedida.^{vii}

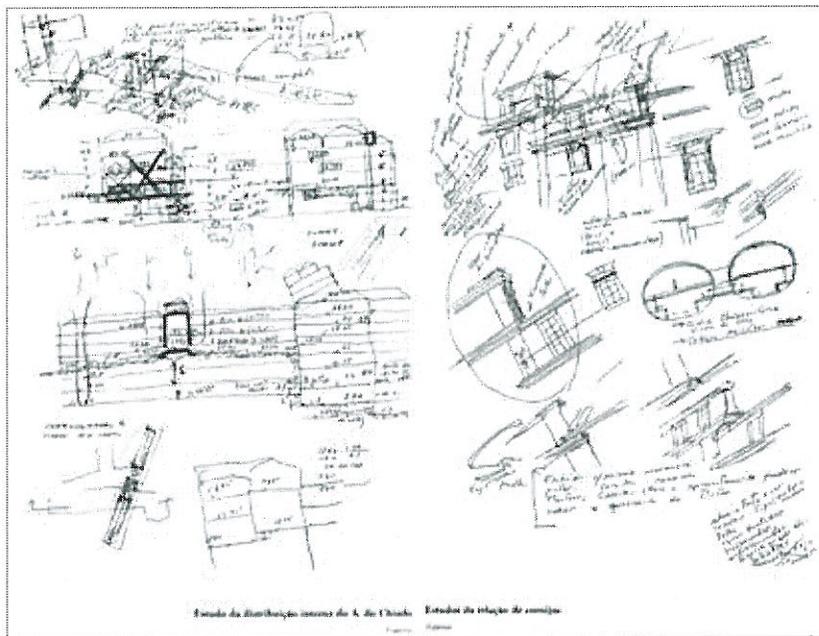


Fig. 7. Alvaro Siza, Estudos da relação de cornijas e Estudos da distribuição interna do A. Do Chiado, Esquissos em Alvaro Siza, op. Cit pp. 102 e 103

Privilegiamos a investigação sobre um espaço público livremente escolhido por cada aluno mas obrigatoriamente visitado, o uso das novas tecnologias para registo, apresentação dos resultados provisórios e finais. Temos vindo a construir um espólio próprio (com elenco e extractos dos casos estudados anualmente e seus autores) para ser susceptível de consulta e desenvolvimento futuros.

Defende-se que a elaboração própria utilize todos os instrumentos e operações específicos da investigação disciplinar em arquitectura (desenho, medida, fotografia, maquete, tratamento gráfico de imagem e texto), de pesquisa bibliográfica, eventualmente de entrevista (autor, utente, dono da obra).

As novas tecnologias servem as formas de comunicação mais favoráveis ao debate e trabalho colectivo.

Assim como, nos projectos, o uso dos computadores e programas informáticos, deu ao arquitecto mais facilidades – sobretudo a rapidez no apuramento dos seus desenhos manuais, a economia de papel, exactidão das cotagens, cálculo de quantidades, a apresentação dos trabalhos treinasse, para promover a sua correcção por aqueles que nós chamamos a ler os nossos erros (não para nos exibirmos) porque, como dizia Alberti, depois de fazermos os projectos devemos deixá-los “repousar” e revê-los passado algum tempo, que nos dá distanciamento crítico, e mostrá-los a alguém, para que descubra em que é que nos enganámos e então corrigiremos o máximo deles, antes de se executar a obra.

Para a participação na exposição pública *Anuária 09*, desenhamos um painel de 1,20 x 1,20 exibiu um espaço de participação e conclusão com êxito colectivo. Quanto a conteúdos, a selecção do material obedeceu a três critérios: mostrar a diversidade das actividades desenvolvidas ; mostrar a liberdade de escolha dos casos de estudo; mostrar a originalidade dos modos de praticar a investigação experimental.

Quanto à forma, que é indissociável da arquitectura (alargando o conceito de obra - edifícios, livros ou simples painéis expositivos) e é uma condição *sine qua non* das disciplinas artísticas, resultou de uma organização de três espaços, dois quadrados e dois rectangulares, ora com figuras ora com textos cujo lettering foi objecto de variações de tamanho, cor e estilo.

No auditório Fernando Távora da FAUP, geralmente em trinta sessões de hora e meia, se foi fazendo conhecimento novo, umas vezes a partir da mais simples exposição de fotografias e desenhos que o professor ou os alunos fizeram em espaços públicos e em equipamentos visitados, outras vezes comparando as medidas tiradas a passo e a palmo nos sítios ou com os computadores a partir de desenhos sofisticados. nos dois últimos anos, já em

MIARQ^{viii}, em salas de projecto organizadas as vossas explorações e apresentações intermédias de resultados.

Também foram aperfeiçoados os escritos que se fazem sobre o que outros, antigos e modernos autores arquitectos escreveram – procurámos que as palavras se tornassem cada vez mais exactas e essenciais, sem medo de nos repetirmos, até usarmos apenas as que podemos cumprir: implantações, distribuição dos programas, proporção, resistência física e plástica das obras, economia dos meios de expressão, medida justa, diálogo com a natureza, urbanidade, cidadania, arte.

Fora da aula o tempo e os meios foram investidos não só nas pesquisas bibliográficas e experiência das obras que cada um escolheu mas também em exercícios difíceis de organização dos dados coleccionados, busca de explicação para muitos deles através de comparações com outros casos. Sessões de trabalho dos grupos com o professor, servem para fortalecer o rigor analítico, disciplinar a fundamentação crítica, estimular o pensamento próprio contra a reprodução fácil de lugares comuns ou a apropriação incorrecta de ideias alheias.

Conclusões

Não se buscam unanimidades, encontra-se e gere-se a descoberta da beleza e a extraordinária fonte de conhecimento na diversidade, reunida em composições gráficas de textos, mapas, imagens, cores, como o painel com que concluo esta minha comunicação.

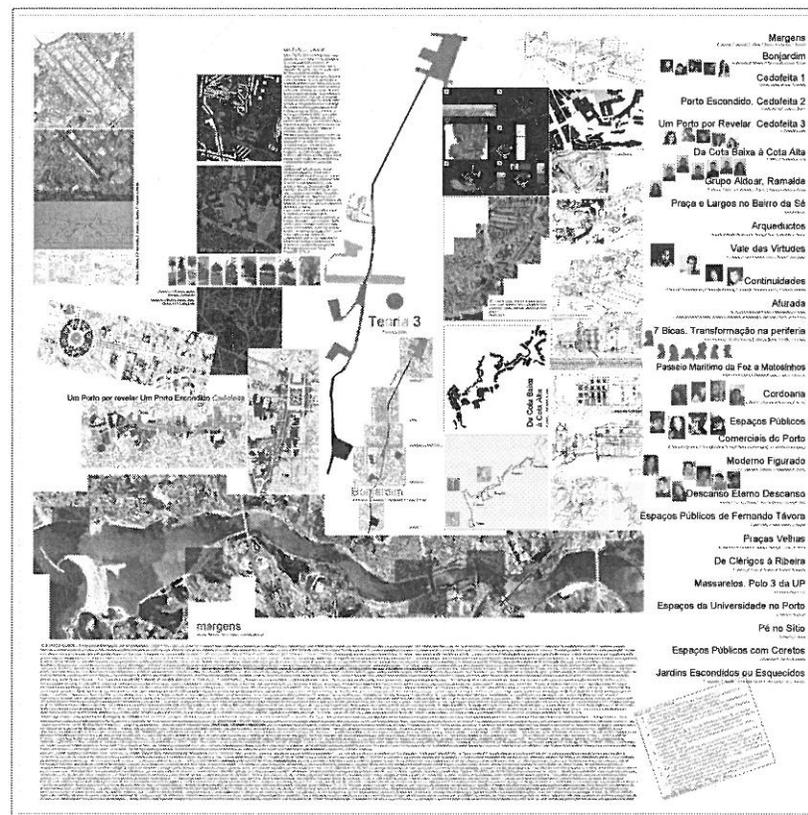


Fig.8, Fonseca, T. et. Alt. Painel de Teoria 3 para Exposição Anuária'09, FAUP, Setembro 2009

Bibliografia

- ALBA, A. Fernandes (1981), Prefácio, Aymonino, Carlo. *El significado de las ciudades*. Blume. Madrid, 1981
- ANON, R., CARRANZA, A. *Actas, Seminário Internacional de Projecto, O Belo e o Feio*, FAUTL, Lisboa, 2007
- AYMONINO, Carlo. *El significado de las ciudades*. Blume. Madrid, 1981 [1ª ed. 1975]
- Catálogo de exposição, *O Chiado Lisboa*. Alvaro Siza e a *Estratégia da Memória*, Delegacion de Granada del Colegio

de Arquitectos e Junta de Andalucia, onsejeria de Obras Públicas e Transportes, Granada 1994

FONSECA, Teresa, *A construção do Polo 3 da Universidade do Porto*, Ed. Autor, 1996 <http://hdl.handle.net/10216/10629>,

Publicado por Universidade do Porto. Reitoria, 2009-05-16T02:07:56Z

FONSECA, T. *Espaço Público e Formas dos Equipamentos e Teoria 3*, FAUP 2002-2010, <http://www.fa.up.pt>, https://sigarra.up.pt/faup/cursos_geral.FormView?P_CUR_SIG_LA=MIARQ

NONELL, Anni Gunther, *Porto, 1763/1852, a construção da cidade entre despotismo e liberalismo*. FAUP publicações, 2002

SIZA, Alvaro *A reconstrução do Chiado, Lisboa*. ed. ICEP 1997

ⁱ Añon, R., Carranza, A. (2007)

ⁱⁱ Fonseca, (1996) 2009

ⁱⁱⁱ Aymonino, Carlo. *El significado de las ciudades*. Blume. Madrid, 1981 [1ª ed. 1975] pp 30-32

^{iv} Alba, A. Fernandes (1981), Prefácio em Aymonino, Carlo, op. Cit.

^v Fonseca, T. *Espaço Público e Formas dos Equipamentos* FAUP 2002-2007, *Teoria 3*, 2008-2010, <http://www.fa.up.pt>

^{vi} UFRJ, *Da Baixa Pombalina à Brasília: Iluminismo e contemporaneidade em países e espaços de Língua Portuguesa*, 2010

^{vii} Kristin Feireiss, Directora do Instituto Holandês de Arquitectura, em Siza, Alvaro, *A Reconstrução do Chiado*, Lisboa, Ed. ICEP, 1997, p.13

^{viii} MIARQ, Mestrado Integrado em Arquitectura, Plano de estudos em vigor desde 2008.

Urbanismo na América Latina 1880 a 1960: A cidade dos Motores (Brasil) e os Planos de Chimbote e Lima (Peru)

Mauro Santoro Campello¹

Introdução

Este ensaio se propõe iniciar uma reflexão sobre a evolução do pensamento urbanístico latino-americano na primeira metade do século XX na América Latina. Para isto será empregada uma classificaçãoⁱ, que o considera em quatro momentos distintos: 1880 – 1915; 1915 – 1930; 1930 – 1945; e 1945 – 1960. A análise se baseia nos textos primários dos planos urbanísticos em pauta – Cidade dos Motores (Rio de Janeiro, Brasil – 1947) e Lima e Chimbote (Peru – 1950), havendo também referência aos de La Plata (Argentina – 1880), Montevideu (Uruguai – 1911), Medellín (Colômbia – 1919) e México (México – 1930). Espera-se que o uso destas fontes primárias nos ajude a revelar o pensamento de seus autores e perceber o momento histórico e ideológico da época de sua elaboração

O trabalho é desenvolvido em duas partes. A primeira se discute de um modo geral o urbanismo na América Latina e mais especificamente as gerações de urbanistas que agiram sobre as suas cidades no período aqui analisado. No segundo são descritos e analisados três planos urbanísticos famosos (não implantados) produzidos pelo escritório de arquitetura de Sert e Weiner, por volta de 1950. O objeto do primeiro (1947) seria uma “cidade dos motores”, a ser construída na Baixada Fluminense, perto do Rio de Janeiro, no Brasil, e os outros dois (1950) seriam Planos Diretores para o desenvolvimento urbanístico de cidades peruanas, no caso, Lima e Chimbote.

¹ Arquiteto, professor. M. Sc. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora
E-mail: mauro.campello@ufjf.edu.br